



Domingo, 05.09.2010

QUEM É QUEM



Livaldo Fregona é filho de Antônio Fregona e Maria Pupim. Nasceu em Marilândia, Espírito Santo, no dia 26 de novembro de 1939.

Fez o Primário em Marilândia - ES; o Ginásio em Colatina - ES; o Clássico em Vitória - ES e Filosofia em Belo-Horizonte - MG. É formado em Contabilidade e em Análises Clínicas de Laboratório.

Já foi guitarrista de um conjunto musical, jogador profissional de futebol, professor de Português, Geografia, Religião e Biologia.

Já publicou 15 livros: **CONTOS; A PROCURA; MENINO DA ROÇA; ESTRANHA PASSAGEM; JABINO, o predestinado; ABISMOS; O CAMINHO; OS HUMILDES; SIRIANO; NUVENS PASSAGEIRAS; 18 ANOS DE IMPERATRIZ – o que vi, li e ouvi; A FAMA E A VERDADE DE JOSÉ BONFIM; AO LADO DO TRAVESSOIRO; O CAÇADOR e SIMBA.**

Cooperou com três páginas decorrendo sobre a Mata Atlântica, no livro científico "A Preservação do Mutum-de-Alagoas", traduzido, também, para o Inglês. É profundo conhecedor de várias espécies de inhambus brasileiros (Tinamideos), sendo procurado por autoridades ornitológicas do Brasil inteiro. Fotos, vídeos, descrição e relatos de sua farta observação por quase todas as florestas brasileiras são encontradas no site:

www.jupiter.com.br/livaldo

É Membro Correspondente de nove academias e membro fundador da Academia Imperatrizense de Letras, cadeira 13, patronato de Othon Maranhão.

Já recebeu o Prêmio Academia Imperatrizense de Letras; o título de Cidadão Imperatrizense; a láurea de cultura Stella Brasiliense e seu livro "Nuvens Passageiras" já foi premiado com o segundo lugar no concurso, em nível nacional, promovido pela Academia de Letras e Ciências de São Lourenço, de Minas Gerais.

É católico, casado com Corina Silva Fregona com quem tem duas filhas: Kizy e Drielly. Atualmente se dedica, exclusivamente, à informática, a ler e a escrever.

“NUNCA DESISTA, FILHO! ENQUANTO HOUVER ESPERANÇA, LUTE! ENQUANTO PUDER MOVER UM MÚSCULO, NÃO SE ENTREGUE”.

NÃO DESISTA NUNCA!



Durante os 30 dias que passei embrenhado na floresta, o fiz sempre pelos arredores de um grande rio, o Uruará, cheio de coisas belas e também perigosas, de cantos maviosos de pássaros coloridos e também de gritos metuendos de corujas de olhos grandes. Eu sempre anoitecia nesse rio, ouvindo centenas de sapos coaxando, trazendo-me à lembrança, a história de outro sapo... aquele que passou mais de ano sonhando com o ambiente aprazível de um “*pé de pote*”. Lembra-se? Um dia, enquanto eu pescava, um batráquio poeta, hospitaleiro e conversador, saltou sobre a proa do meu barco e observou:

– Amigo, por aonde anda seus pensamentos, olhando as águas serenas que caminham para o mar?

Meio sem-graça, respondi-lhe:

– Meu caro, não estranhe,

mas, como nas histórias de carochinha, também me transformaram num sapo. Já fui príncipe, mas uma impiedosa feiticeira deixou-me assim. Passei anos implorando para que ela desfizesse a magia, mas nem no “*cantinho de seu pote de água*” ela permitia que eu ficasse. Bem, amigo, era sobre isso que eu estava pensando, sem imaginar que você pudesse, através do meu olhar, deduzir a triste lembrança que ora me ocorre.

– Ora, meu caro – disse o sapo – sei o que sente! Também eu passei meses procurando por uma linda companheira que numa noite encontrei. Foi “*amor à primeira vista*”. Ela era meiga, linda... era tudo o que minha concepção de ternura e beleza desejava. Acho que ela não viu em mim o que encontrei nela. Acompanhando as enxurradas de um dia de chuvas fortes, ela se foi, deixando-me um grande vazio no coração. Mas, não desisti, mesmo porque aquela sapa talvez representasse um tipo de felicidade só reservada aos batráquios que acreditassem na virtude da persistência. Por isso, pulando aqui e ali, margeando pântanos e igapós, num belo e surpreendente dia, distraído, absorto em meus pensamentos, não me

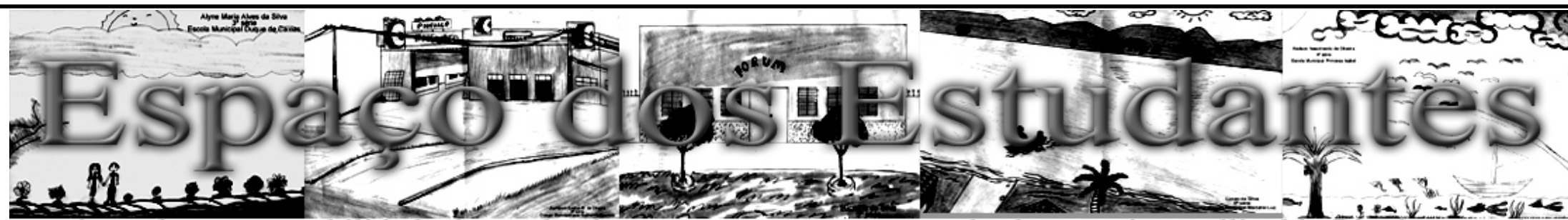
dei conta de que uma enorme garça procurava alimento.

Fui apanhado de surpresa, posto no bico, pronto para ser engolido. Possivelmente aquele seria o fim de quem se entregasse, de quem desistisse, o fim de minhas buscas e de minha esperança de felicidade. Em última instância, lembrei-me do conselho do meu pai: “**Nunca desista, filho! Enquanto houver esperança, lute! Enquanto puder mover um músculo, não se entregue**”.

E assim, agarrei no pescoço de meu predador e apertei, apertei com a força do desespero, até que ele, vendo-se sufocado, lançou-me longe. Tonto, quase sem sentidos, quando ainda buscava fôlego, senti a suavidade de “mãos” macias e o “sussurro” mais meigo do mundo: era minha companheira que me socorria dizendo:

– Por nunca ter encontrado alguém que lutasse tanto por um sonho, aqui estou, apesar... de tudo e... de todos. Que nossa amizade seja eterna enquanto durar.





Página sob a responsabilidade do acadêmico LIVALDO FREGONA desde sua criação: livaldo@jupiter.com.br

FUTURAMENTERÍSTICO

Gidel Sena - apresentador, poeta...

Às vezes sentimos medo do futuro
Por seus dissabores e melancolia
Sem perceber que viver é isso
Andar e não poder voltar o dia.

É mergulhar sabendo que vai faltar ar
E você desesperadamente vai atrás
A vida é isso:
Um sopro que Deus faz.

O futuro queima as certezas
E tudo que lhe faz planejar
E ter dúvidas na vida é isso
Não saber se vai acertar...

É o medo o seu inimigo,
E nosso inimigo em meio à alegria
E o amor também é isso
Não saber se vamos combinar um dia.

CANTARES

Ribamar Silva - professor, poeta...

Em pleno éden, mordemos a maçã
e morremos de êxtase.
Sentindo o sabor do pecado
despidos de toda inocência
comemos o pão do desejo
e bebemos o suor
do cansaço.
Donos da sabedoria, soçobramos
ao dilúvio de nossas lágrimas.
Nem ramo de oliveira
verde de esperança...



Trecho do romance RODA DE FOGO, da estreade romancista, professora Francisca de Sousa. Será lançado brevemente.

“O ônibus partiu. Ela inspecionava, com os olhos, a rodoviária que funcionava num prédio velho e maltratado. Tinham começado a construir uma nova estação, em lugar adequado, mas com infra-estrutura imprópria para oferecer boa comodidade às empresas de ônibus. Os usuários viviam aguardando o dia em que houvesse boa acolhida, tanto ambiental quanto humana, com bom espaço, boxes padronizados... Mas, tudo isso continuava só na planta e na esperança.

Abandonaram a obra por falta de verba. Os ladrões levaram parte dos materiais estocados; os vândalos depredaram o que ainda estava de pé, e o que sobrou virou entulho enferrujado, desprezado pelo poder público. Era mais uma triste demonstração de que os políticos pouco se importam com as coisas públicas, apesar de eleitos para defendê-las.

Na saída da cidade, enxergava-se o lixo amontoado, as ruas esburacadas, a grade de proteção do viaduto quebrada em diversos lugares. Do lado direito da pista havia uma placa com os dizeres específicos às empresas que quisessem comercializar na cidade: **SEJAM BEM-VINDAS.**”

CAMINHOS POR ONDE ANDEI

*Viegas

CLUBE DA SAUDADE

Mando para o programa **CLUBE DA SAUDADE** - Mirante/AM, madrugadas e manhãs de domingos - pequenos textos que o apresentador – JOSÉ SANTOS – intitula “**A crônica de Dr. Viegas**”, num quadro que ele mesmo denomina “**CANTINHO DA SAUDADE**”. De minha parte, eu gostaria de intitulá-la “**PÁGINA DE SAUDADE**”. Vamos ouvir!

CHOVIA, NAQUELA TARDE

Chovia naquela tarde. Eu me lembro bem, chovia naquela tarde! E tudo o que os meus pais se preocupavam era eu “atravessar a pista” e o perigo de vida na cidade. Eu tinha então onze anos de idade. Havia acabado de completar o curso primário no interior e vinha tentar a sorte na grande cidade. Cidade de São Luís – uma então terra alheia, mas dela posseiro me fiz!!!! Era o tempo do **Exame de Admissão**, o nosso vestibular da ocasião. Era o tempo da “calça curta” – porque calça curta foi uso e costume da minha geração. E quando cheguei na grande cidade, calça curta agora era coisa do passado.

Tantos anos a lembrar, tantas coisas a relembrar. Lembrança da pista para atravessar e aquela cidade grande para enfrentar. Como quem enfrenta um leão: vida dura - haja coração! Lembrança da calça curta; lembrança do exame de admissão – prova que se exigia, regra que se cumpria - caminho da formação. Chovia naquela tarde. Eu me lembro bem, chovia naquela tarde! Era eu chegando naquela terra, naquela cidade, em busca do amanhã, sonho de escolaridade. Agora longe da minha ilha e dela a centenas de milhas, lembro o caminho que se fez a trilha. Chovia naquela tarde. Eu me lembro bem - chovia naquela tarde!!!

Dia de casamento

Lembro-me agora – tempos de moleque – daquele “casamento na roça”. Um tempo em casa de palha - uma palhoça! Um festão!!! Um casamentão! Fé e esperança; união e perseverança! Uma nova família naquele sertão! Muita comida! Bolo, torta, prato cheio! Frango,

porco e boi pagavam o pato – era assim o casamento lá no mato! Farinha? Como tinha!!!! O guaraná era a bebida! Cerveja, mesmo quente - era servida. Lembrança que não foi esquecida! Cedo, os cavaleiros saíam em cavalgada! Viagem comprida - uma jornada! Todo mundo bem vestido, penteado, montado, cavalos arreados. Tudo cheiroso, perfumado! À frente ia o pajem (o maleiro), a serviço de apoio naquele casório. Logo atrás iam os noivos. O noivo na cela, a noiva na garupa, ambos no mesmo animal. Em seguida os convidados especiais. Era assim o trivial!!!

Casavam-se no cartório, na VILA, diante do Juiz – no “*papel passado*”. Era a honra, era o legado! Na volta, em léguas de chão, tudo era respeito... solene.. direito. Em casa, duas, três da tarde A FESTA! O BANQUETE! Muita comida sobre a mesa. Rolava até uma cerveja! E guaraná, como sobremesa. Meu pai dizia “VIVAS”. E eu ali, calado, cansado, fiz parte da cavalgada. De olho na DIVA! E passamos todos nós na JANELA DO TEMPO. Mas eu lento, ao relento, fiquei para prosear... para relembrar... aquele CASAMENTO!!!

OS BAILES DAQUELAS TARDES

Na minha terra – em São Bento, na Baixada – tinha duas amplificadoras. Então as amplificadoras anunciavam: “**Atenção atenção dançarinos!!!!...**” e anunciavam uma festa (um baile), que se realizaria naquele domingo à tarde – ora no bairro do Codozinho, no São Benedito, da outra banda... Lá pelas quatro e meia, cinco da tarde, as pessoas (os dançarinos) começavam a passar rumo à festa anunciada na amplificadora. Os homens em chapéus-de-sol (guardas-chuva), calças em linho-acetinado, engomadas, sapatos engraxados! Era um tempo de TERGAL, da cassimira, do linho-puro! Camisas em tricoline, trajes de festa! As mulheres vestidas em seda, saias rodadas e batom. Era o tempo do corpete e sutiã. Eu era um garoto e ficava vendo aquilo. Ah se eu pudesse!!!

Nos bailes, amimados pelo conjunto do incomparável ZÉ DO BULE (no violino) ou do SEU NOGUEIRA (em instrumentos de sopro). Era um tempo em que dançava

homem com mulher e mulher com homem, de passo marcado, no ritmo da música, de rosto colado. Na “*porta*” os homens pagavam a entrada; as mulheres eram dispensadas. E lá dentro no salão ZÉ DO BULE dava o tom, era o maestro que um dia a minha terra o perdeu, porém jamais o esqueceu. Na próxima semana ou 15 dias depois, a amplificadora lá em cima, anunciava o próximo baile, fosse no Codozinho... no São Benedito... Da outra Banda. Eu era um garoto e achava bacana ver as pessoas trajadas a rigor, decente, iam para a festa, iam para o baile. Ah se eu pudesse! Eu era um garoto, mas ainda me lembro da amplificadora lá em cima, de Zé do Bule no violino nos Bailes daquelas tardes...

AQUELE OLHAR

Guardo de você aquele olhar. Como quem dizia: fique comigo, não se vá! Um olhar apagado... inconstante... indeciso... com prenúncios de saudade. Um olhar que me traduzia incerteza, interrogação e a gente se dividindo – enfim: cada qual para o seu lado. Você no silêncio e eu cabisbaixo – e a gente vendo que tudo ia de água abaixo.

Ah!!!! Quanta dor na partida... indecisão na despedida... na dividida daquele amor! Em que a gente se multiplicou... se dividiu... que a gente foi cúmplice... responsável. Irresponsável. Nos desates da vida a dois tem dessas coisas, a gente só sabe que sai, depois nem imagina para onde VAI. Estão aí os retratos nas paredes, os filhos crescidos... alianças perdidas, encontros e desencontros.

E, nessa sina, a vida nos ensina que o AMANHÃ é tempo que virá e a gente poderá chegar, mas talvez... nem chegue lá. Aprendi então que, na vida, amores vêm e vão. São assim... como aves de verão, de voos razantes, provocantes, arrasantes e que se renovam a cada estação. E assim partimos cada qual para o seu lado, restando em mim a lembrança... a crua lembrança... daquele olhar apagado – que faça agora, neste tema de SAUDADE.

Viegas é advogado, cultiva as origens e questiona o social



ESPAÇO DAS LETRAS

Editor: LIVALDO FREGONA

Notícias da Academia

Reforma

Cumprindo responsabilmente sua parte no comodato do prédio, a Academia está, mais uma vez, empenhando-se para refazer o assoalho do auditório. A construção é antiga e o tempo, auxiliado pelos cupins, não dá trégua: todos os anos a Academia tem gastos para manter o prédio funcionando.

Reunião

Apesar da poeira e do amontoado de entulhos no ambiente, muitos poetas e escritores compareceram à reunião, entre eles, Edevaldo de Sousa Leite, Luís Gonçalves, Edinelson Miranda Varão e Marcélio Castelo Branco de Sousa. Além deles, os acadêmicos, Agostinho Noleto, Gilmar Pereira, José Ribeiro, Zeca Tocantins, Domingos César, Maria Helena Ventura, Francisco Itaerço, Sálvio Dino, Adalberto Franklin e Ariston di França. Muitas poesias foram recitadas, além da belíssima crônica do confrade Sálvio Dino: **Ele disse, ela disse**.

Ética Editora

Sempre de bom humor, nunca levando a sério as brincadeiras dos confrades – *Adalberto é proverbial em só entregar os livros assumidos no último segundo da data combinada* – o confrade proprietário/diretor da Ética Editora, Adalberto Franklin, anunciou a edição do livro de número 350. Conვენhamos, o confrade está prestando memorável serviço em prol da Educação de nossa cidade. Ainda bem que ele é “cuca fresca”, do contrário já teria sido internado, porque o que lhe cobramos não é nada fácil.



DOM PEDRO II E A PRINCESA ISABEL

Muito embora o fato de estarmos, na sexta-feira próxima, lembrando em todo o Brasil a figura de D. Pedro I, quero homenagear o seu filho e a sua neta. Estas duas figuras sempre exerceram um imenso fascínio sobre mim. Meditando acerca da vida missionária do grande Imperador, sinto um misto de admiração – pela sua humildade e de compaixão – pela maneira como ele foi alijado de sua posição por aqueles mesmos a quem proporcionara os elementos da cultura e da liberdade. As mãos aduladoras, que receberam dele proteção e amparo, foram as mesmas que voltaram ao seu transitório palácio para assinar o decreto de sua expulsão do abençoado solo dos seus amores.

É bem verdade que a sua incerteza lançou nossa pátria numa dolorosa aventura que foi a Guerra do Paraguai, a qual durou seis anos, e se constituiu, sem dúvida alguma, no maior tormento do Imperador, vez que ela ceifou a vida de milhares de pessoas de forma absolutamente cruel. Assim como a questão militar que eclodiu no fim do Segundo Reinado, a insubordinação do Cle-

ro também lhe tirou noites de sono. Mas o maior golpe moral sofrido pelo Imperador foram as traições dos amigos republicanos.

Dom Pedro II, porém, em 1889, entregou um país pacificado aos golpistas republicanos. Pensando bem, será que essa transição não poderia ter sido feita por acordo, sem ruptura institucional? Sim, com certeza; Dom Pedro II estava cansado e gravemente enfermo, depois de meio século de poder monárquico. E o que se notou depois foi que os republicanos se viram às tontas com o poder nas mãos.

Foi um tal de fechamento do Congresso, invasão de jornais e prisões de oposicionistas. Isso me leva a recordar, pelo engajamento da minha militância religiosa que, nesse tempo, o Espiritismo também sofreu uma perseguição implacável, com as Casas Espíritas sendo invadidas, num clima de horror inusitado; circunstâncias que o Segundo Reinado não conheceu dada a liberdade que Dom Pedro II garantia aos súditos. Há evidências, até, de que o Imperador, em que pese o juramento de

fidelidade ao Catolicismo, como determinava a Constituição imperial, sentia simpatia pela doutrina dos espíritos. A historiadora Mary Del Priore afirma que “há fortes indícios que nos permitem inferir o interesse do Imperador pelo Kardecismo”. Por sua vez, a Princesa Isabel também teria demonstrado interesse pelo Espiritismo ao perguntar a Porto-Alegre, um espírita notável do Império, que muito influenciou Dom Pedro II e a Princesa Isabel, “quem era seu Espírito protetor?” isso é o que nos diz o advogado Paulo Roberto Viola no seu primeiro livro de estréia como escritor, “Dom Pedro II e a Princesa Isabel” (2008).

O maior legado, entretanto, da gestão de Dom Pedro II, auxiliado por sua filha, a magnífica Princesa Regente, foi a autoridade moral com a qual pacificaram a Nação, promovendo a paz e o progresso do Brasil. Hoje, que a nossa República está tão maculada por desvios éticos, o exemplo do Segundo Reinado deveria figurar de maneira mais ostensiva nos projetos de educação de nosso País.

Academia Imperatrizense de Letras

Assembléia Geral Extraordinária Edital

Eleição de membro efetivo para vaga da cadeira de nº 11



O Presidente da **Academia Imperatrizense de Letras**, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e na forma do que dispõe o art. 16 do Regimento Interno, considerando a declaração de vacância da cadeira 11, registrada em ata do dia 10 de junho, pelo falecimento de Raimundo Jurivê Pereira de Macedo, convoca todos os acadêmicos para a Assembléia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia 23 de setembro de 2010, às 17h, na sede da Academia, em primeira e única convocação, com a seguinte

Ordem do Dia:

Eleição do novo sócio efetivo titular da cadeira de número 11, vaga por morte de Raimundo Jurivê Pereira de Macedo, patronato de Francisco Ayres da Silva.

As candidaturas à cadeira vaga poderão ser apresentadas até o dia 16 de setembro de 2010, mediante requerimento e *curriculum vitae* de cada candidato(a), destacando sua atividade cultural, principalmente na literatura da região Tocantina maranhense.

Imperatriz, 17 de junho de 2010
Agostinho Noleto Soares
Presidente

Aniversariantes do mês de setembro

Da esquerda para a direita:

Ariston di França - 13; Luiz Carlos Porto - 28; Osmar Walcacer - 24; Cícero Marcelino - 29.



Tendo, nessas ocasiões, o bom costume de felicitar os amigos e confrades, o endereço completo você encontrará no site da Academia:

www.jupiter.com.br/socultura, no link Endereço dos acadêmicos.

ESPAÇO DAS LETRAS

• **Presidente:**
III Agostinho Noleto Soares

• **Vice-presidente:**
Edna Ventura

• **Comissão editorial:**
Arnaldo Monteiro, Livaldo Fregona, Tasso Assunção e Edmilson Sanches.

• **Edição eletrônica:**
III Livaldo Fregona

• **Revisão:**
Arnaldo Monteiro e Livaldo Fregona

Tel.: (099) 3525-1047 - Imperatriz - MA

Saiba tudo sobre a AIL acessando o site:
<http://www.jupiter.com.br/socultura>
e-mail: llivaldo@jupiter.com.br



Anfrizio Meneses

Em tempos de "Ficha Limpa" tem político querendo fazer valer a sua ficha "limpada", outros alegando não haver mancha alguma em sua ficha e alguns, pasmem, reclamando que nem ficha têm...

... Há? Isso mesmo! Têm candidatos alardeando nas ruas e no programa eleitoral que estariam "nascendo agora", "direto da fábrica", novinhos em "folha", "cheirando a tinta", "zerinhos da silva" (ops, este sobrenome é pesado e está em voga, mas aqui não está nenhum interesse em vinculá-lo a ninguém!)... Blá, blá, blá... Só nos falta aparecer alguém reclamando que sua ficha foi extraviada, seqüestrada, furtada, roubada... Ah, me poupem!

Bem, para essa salada de "Ficha Limpa", ficha suja, ficha "limpada", ficha... Propomos, semana passada, que o eleitor entre na briga. O mais poderoso ser em tempos de eleição, o verdadeiro juiz eleitoral, com sua arma infalível (o voto), pode triturar todas essas fichas e reciclar nossa classe políti-

OS SEM PROPOSTAS

ca, transformando a Política com "P" maiúsculo no legítimo caminho para a democracia e em verdadeiro instrumento de bem-estar social coletivo. Como? Está na essência de nossa crônica daquela semana (com o título "Voto Limpo, em tempos de Ficha Limpa"): VOTO LIMPO NELES!

Mas prometo ainda voltar ao assunto "Ficha Limpa" (sob a ótica da Lei Complementar 135/2010), tão logo surjam as primeiras decisões no âmbito do STF Supremo Tribunal Federal (o tutor e zelador das questões constitucionais nacionais), eis que o TSE Tribunal Superior Eleitoral (órgão máximo no julgamento de lides eleitorais no país) já começou a barrar candidaturas "fichas sujas" e a retirar a maquiagem de algumas fichas "limpadas" por alguns TRE Tribunais Regionais Eleitorais (os "xerifes" eleitorais nos estados). Aguardemos!

Agora, voltemos ao título acima.

Precisamos ficar atentos para saber o que desejam os candidatos além, é claro, de se eleger.

Se depender do conteúdo explicitado desde os discursos das convenções até o que se vê e ouve nos programas eleitorais gratuitos ainda não se sabe o que pensa a maioria de nossos candidatos, nem o que estes pretendem fazer com um eventual mandato eletivo.

São preocupantes os sinais. Um candidato a suplente de senador, por exemplo, questionado

em uma entrevista sobre suas idéias para a campanha do candidato de sua aliança ao governo de um estado, saiu-se com essa pérola: "primeiro muito respeito, segundo respeito, terceiro respeito...". É a confirmação de que de onde menos se espera é que não sai nada mesmo. Não sei se dou gargalhadas, se choro ou se recorro ao meu bom Deus!

De outro candidato, apenas vaga referência às suas prioridades na educação, saúde e área social. Coisa muito institucional, só por encomenda!

E por aí vai. Entra campanha e sai campanha e os candidatos parecem estar concorrendo a algum concurso. Alguns se candidatam às vagas nas assembleias estaduais, outro às de Brasília e tem ainda aqueles que brigam pelos palácios governamentais, sem se atermem que para tanto precisam mostrar seus projetos para ganhar o voto do eleitor.

Como ideologia é coisa do passado e os partidos políticos propriedade de grupos defendendo seus interesses em primeiro lugar, sem participação popular, o cidadão pouco pode esperar de tais representações políticas.

Resta-nos aguardar se algo mudará após este novo processo eleitoral (ainda adormecido no berço da propaganda gratuita no rádio e televisão).

vai trabalhar para a manutenção das coisas erradas que por aí estão, neste sentido, ele não é um bom candidato. Pois o seu discurso não traz nenhuma possibilidade de variação, ou seja, devem ser mantidas as desigualdades, a falta de escolas, de saúde, de segurança... É uma fala sincera, porém, sem ética, porque não traz no seu corpo nenhum compromisso com a transformação da sociedade. "Se pior que tá, não fica", significa dizer que não vai melhorar nada, que tanto faz como tanto fez. O discurso do humorista atropela as esperanças daqueles que acreditam numa renovação de ideias e atitudes na política, que cambaleia qual bêbado em descida. A política do Brasil não precisa somente de candidatos novos, mas de candidatos com ideias e atitudes transformadoras. O Brasil não precisa de candidatos novos com o discurso mantenedor das injustiças, das desigualdades, das opressões nas mais variadas manifestações. Infelizmente, acho que o Tiririca (um bom humorista) foi infeliz não com a sua candidatura, mas com uma proposta que não acrescenta nada de diferente do que está aí. O tiro saiu pela culatra. Mas o pior de tudo é que, dificilmente, não será eleito. É muito engraçado o que ele diz, como fala, seus gestos, mas a política deveria ser coisa séria – e isso, como se observa, não é tarefa dele.

Ricardo Coelho é professor de Filosofia. Autor dos livros *Heráclito e o Mito*, e *Sócrates e o beba com moderação*, ambos pela Ética Editora. rcoelho@jupiter.com.br

Sincero e sem ética

Parece uma contradição sem limites o tema desta crônica, ainda mais quando se tenta adequar duas proposições altamente antagônicas. Como conceber algo como sendo sincero e ao mesmo tempo sem ética? É possível haver uma simetria entre a sinceridade e algo inteiramente sem ética? Vejamos então!

O candidato a deputado federal, o humorista Tiririca, decidiu entrar no pleito para galgar uma vaga na Câmara Federal. Francisco Everardo, que é o seu verdadeiro nome, entrou na política e parece que foi para impactar os seus eleitores. O discurso do humorista, que é recheado de momentos sinceros, traz em seu âmago a essência de quase todo político: resolver os problemas financeiros da sua família. Não há como duvidar da "verdade" embutida no rosto alegre e descontraído do ex-palhaço, pois na verdade o seu discurso é quase uma regra na vida de muitos que entram na vida pública; só que, diferente do cantor, outros apelam aos sofismas que todos sabem que não passam de fábulas e de conversas para boi dormir.

Tiririca se diz não saber o que faz um deputado, mas está disposto a descobrir e,

só depois, contar aos seus eleitores. Claro que o Everardo não é burro, mas acho que não chega ao ponto de não saber o que faz um deputado, afinal de contas ele quase termina um curso superior. Tiririca não promete nada além de lá, na Câmara Federal, defender os interesses da sua família – é um discurso sem máscaras, não resta dúvida sobre isso. São raros os candidatos que entram na vida pública com intenção diferente da proposta apregoada por Tiririca, só que maquiagem com subterfúgios insuportáveis. Uma coisa é ter um discurso sincero, outra coisa é ser ético neste mesmo discurso. A fala do Everardo é uma fala sem ética, e alimenta a ideia de que todo candidato que entra na vida pública é com objetivo único de resolver problemas pessoais, de interesse próprio. É verdade que isso é quase unanimidade entre os candidatos, mas isso concebe um modo de pensar arrasador, ainda mais para as crianças que não conseguem discernir entre o que é verdadeiro e falso.

Outro detalhe no discurso do Tiririca é que ele diz: "Vote no Tiririca, pior que tá não fica". Ora, se a proposta do humorista não é alicerçada no compromisso de mudança, e se ele



Afegaranhão?

inúteis cidadãos. Como se nós fôssemos responsáveis pela democracia ditatória que predomina sobre cada pasta de asfalto e estrada do Estado. O buraco nem sempre é feito pelos pés que o pisam.

Jabor, com abreviação A., na cauda do avião, desfilou no Maranhão um artefato de bobagens e, na célebre vontade de crescer mais do que a ideia central, banaliza-nos sem entender que não somos apenas, um Estado sobre e montado. Pra bater em nosso lombo, é preciso um chicote de ouro. Quando diz que estamos com séculos de atrasos e somos divididos em feudos (lá) e tribos (cá), e afirma ser dúbio o interesse de sermos civilizados ou de nos tornarmos, esquece que civilização não precisa de política. A política acontece por conta da civilização. Primatas não formam a política. Preconceitos à parte, primata no executivo deve ter, ao menos, liderança. No Afeganistão, o feudo, civilizados e guiados por Alá Bin Laden, preservam uma luta própria; talibãs que acreditam em um Deus e matam e morrem por ele, sem contar o genocídio ao feminismo. Centrado no Maranhão, o sarcasmo de A. Jabor beira à falta de assunto ao dizer que não acreditamos em Deus nenhum, pelo conformismo de aceitarmos (análise notada não em suas palavras críticas bombásticas, mas claramente vivas para o nosso entendimento), um semi-deus político. Com sua visão aquém do Maranhão, Jabor explode as fronteiras do seu ego, equipara-se criticamente a um certo lirismo não-ufanista, que derrota-

nos no detalhe, mas não no contexto. Escutar Jabor é ter dois ouvidos bem distintos. O primeiro o elogia. O segundo, o rebate. E foi assim que disseminei sua ideia sobre nós maranhenses.

Precocemente, deleitei-me com leituras difíceis que eu desistia ou persistia até chegar a um entendimento, onde pudesse ter o singelo critério opinativo do bom senso. Escritores críticos, cineastas, como Jabor, vociferam todos os dias o que nós deveríamos dizer e gritar para as orelhas grandes ouvirmos. Mas nem todo grito tem eco de inteligência. Permito-me, como maranhense que sou, portar-me como brasileiro que Jabor é. Creditar o débito de não-civilizados e talibãs, pelo regime político de nosso Estado, é uma opinião tentadora, mas melhor compará-la ao todo, e não a um só. Não é que Arnaldo Jabor esteja na trincheira conosco, sofrendo todos os dias retaliações de nossas escolhas idiotas. Ele está, como eu li, num trecho de reportagem, o que diz Ferreira Gullar (que não é talibã, viu Seu Arnaldo), na mais nova compilação de suas poesias: "Tenho que baixar a voz, pois se falo alto, não me escuto". Desta frase propensa a liberdade, que encaixa o egocêntrico comparativo de Jabor, tiremos os dedos da terra, pois a expressão crítica volta à sua normal e intrépida arrogância, sem tolices inúteis ao Maranhão. Silêncio. Nosso Kamikase poético metralhou de sabedoria, o bombardeio verbal de A. Jabor.

Phelippe Duarte

Cronista e poeta phduartesantos@yahoo.com.br
www.phelippeduartesantos.blogspot.com.br

Que saudade da "furiosa"

Nelson Bandeira

Retrocedendo à página da história, vou buscar nos idos de 1974 a 1978, quando o SESI/DN/IMP, criou uma banda musical composta de todos os instrumentais que eram preciso para um agrupamento profissional da música.

Certo que esta banda tocava em todos os eventos e acontecimentos sociais que eram realizados em Imperatriz naquela época. De tanto ela tocar, o saudoso Renato Moreira a batizou de Furiosa, por causa da "arrogância" e "petulância" de seus músicos.

O maestro era o professor Moisés, já falecido. O inesquecível Miracy Santos, administrador do SESI/DN/IMP, na época se empolgou tanto com a banda, que fazia questão de ir à frente, acompanhando seus adeptos.

Todos bem fardados, do sapato ao boné, tudo doado pela entidade. Na região tinha – e ainda existe, em menor quantidade, já quase em extinção – um passarinho chamado Solradinho, que tem em sua plumagem as cores branca, preta e vermelha, a cabeça parecen-

do um quepe militar, todo em vermelho. Era nele que o fardamento da banda se inspirava. O maestro todo orgulhoso, articulava para seus comandados a segurança dos ritmos em execução. A platéia ia ao delírio, especialmente, quando desfilava no dia 7 de Setembro, o Dia da Independência do Brasil.

Maior parte do grupo de instrumentistas está festejando no Céu, com seus dobrados, valsas e tantas outras canções. Pra lá já foram dois maestros: Professor Moisés e Sarmento Mauro; e músicos excepcionais, como Raimundo da Girica, Zuzinha, Agnaldo, mestres Antônio, Olavo e tantos outros, que agora não me recordo os nomes.

Com o passamento desses mestres da música, que tocavam por prazer, foram desaparecendo do cenário, e as próprias mudanças institucionais, contribuíram também em não dar continuidade ao feito. Até porque, já dependia de gasto para mantê-la.

Mas quem teve o prazer de conhecer, carrega memoráveis lembranças de que Imperatriz um dia teve uma Banda Musical – de respeito! Que saudade da "Furiosa"!